

CLASSES E DISCIPLINAS QUE REGI

Fora-me destinado no princípio do actual ano lectivo (1934/35) serviço no Liceu de Gil Vicente, Lisboa, nas seguintes classes:

primeira,
terceira,
sexta,
sétima.

Na primeira classe regi as disciplinas de Ciências da Natureza na turma A e na turma D. Na terceira classe regi Português na turma B. Na sexta classe regi Geografia nas turmas A, B e C do curso complementar de ciências e na turma do curso complementar de letras. Na sétima classe regi igualmente Geografia nas turmas A e B do curso complementar de ciências.

OS MÉTODOS ADOPTADOS

Iª Classe

O ensino das ciências da Natureza, na primeira e na segunda classes dos Liceus, tem de ser mais um conjunto de conhecimentos tendencialmente científicos do que uma disciplina rigorosamente científica a ensinar a crianças sem os mais rudimentares hábitos de precisão e observação.

Pareceu-me, portanto, e em função já da prática anterior de tal ensino já do conhecimento teórico da pedagogia, que seria muito mais útil ao ensino e ao aluno se, em vez de me propor en-

2

sinar, no velho sentido, isto é, expor e exigir o exposto sem preocupações de compreensão daquele que reexpoe, procurasse de preferência iniciar o aluno numa actividade que tendesse essencialmente para a observação, para a expressão rigorosa daquilo que se observa e, sempre que possível, para a reflexão sobre os dados que constituíam a matéria de ensino, ou seja sobre a Natureza. Mais do que ensinar os conceitos difíceis das ciências naturais, interessou-me primeiro alargar o universo da criança mostrando-lhe em extensão a vastidão do mundo em que vivia e depois dar-lhe os elementos necessários para a compreensão das realidades que o formavam. O método para isso tinha de ser mais endógeno do que exógeno. Assim, procurava a expressão vulgar de qualquer fenómeno que a criança me trazia da sua vida de relação, em geral expressão incorrecta e unilateral, senão muitas vezes completamente errada. Procurava ainda que o aluno exprimisse conceitos de fenómenos análogos e então não era difícil fazer-lhe notar a contradicção que eu exageradamente punha em evidência para o levar, por si próprio, á correcção do erro agora compreendido.

Por este motivo, a maior parte das minhas aulas e das explicações feitas tiveram origem na correcção das opiniões vulgares incríticas de que os alunos eram portadores. Quasi todas as aulas de iniciação cosmográfica tiveram origem na correcção de fenómenos mal observados pelos alunos. O mesmo no capítulo de iniciação geográfica em que me socorri, quasi sempre, de passeios e excursões feitos pelos próprios.

A alimentação dos alunos (constituição do pequeno almoço, do almoço e do jantar) deu-me possibilidades de explicar totalmente (dentro das exigências do programa) alguns capítulos de

zoologia e botânica. O estudo dos animais domésticos e de plantas vulgares teve princípio na descrição dos animais que pertenciam aos alunos e das plantas dos jardins que eles conheciam ou frequentavam.

É evidente que adoptando este método não puz de parte, em nenhuma das lições o programa exigido. Antes pelo contrário, não seguindo muitas vezes a ordem das rubricas no programa, procurei não só cumpri-lo mas ainda, o que se me afigura muito mais importante, fazê-lo compreender.

Como exemplo e para concretizar os pontos de vista acima expostos transcrevo o seguinte e talvez elucidativo esquema:

Pergunta: de que constou o seu pequeno almoço?

Resposta possível: de leite e pão com manteiga.

Daqui partia a lição que transcrevo nos seus traços mais gerais:

LEITE

relações entre o leite e a manteiga.

animais produtores de leite.

diferenças e semelhanças com outros animais.

a vaca. Descrição, vida e organização interna.

alimentação e conformação do seu aparelho digestivo.

utilidade da sua carne, da sua pele, etc..

outros animais úteis. Etc., etc..

PÃO

diversos tipos de pão.

preparação do pão.

o trigo, o milho.

características das partes constituintes destas plantas

os seus frutos e os cuidados da sua agricultura.

3ª CLASSE

O ensino de Português, na terceira classe, é continuação do ensino feito nas classes anteriores e iniciação de novos métodos sobre a matéria estudada. As observações ao programa põem bem em evidência que além do aspecto gramatical importa o desenvolvimento nos alunos da capacidade de interpretação e reflexão sobre os textos lidos. Além disso, o estudo do Latim e ainda de outras matérias deve ser utilizado pelo professor de português para alargar e aprofundar, na medida do possível o universo intelectual e moral dos alunos.

Éis o ponto de vista que mais me interessou na regência desta turma.

As noções de gramática que os alunos sabiam tinham chegado até ao terceiro ano como nomes a juxtapor a coisas que, na maior parte das vezes, não eram completamente bem compreendidas. Antes, pois, de dar um conteúdo positivo ás lições de português era necessário rever e aprofundar todo o cabedal de noções que os alunos repetiam. Á medida que as antigas noções, já mecanicamente fixadas, apareciam a interpretar as novas leituras era necessário interpor - porquês? - que tornassem compatíveis essas noções com a clareza e precisão agora necessárias a alunos que começavam a manifestar os primeiros vagidos de seres pensantes.

Tal palavra é um advérbio, assim classificada por todos os alunos, mas é preciso levá-los á reflexão sobre tal nomenclatura. Porque se chama advérbio? A uma resposta incorrecta eu pouco precisa nunca opuz imediatamente a correcção necessária. Suponho tal método o pior possível. Começava por consi-

derar a definição errada como mais ou menos verdadeira e depois applicava-a a outros domínios da realidade melhor conhecidos do aluno. Esperava então que elle notasse e sentisse a incorrecção flagrante da sua definição. Se o aluno, de facto, o conseguiu está finda naturalmente a acção do professor com o melhor dos resultados: encontro do aluno consigo próprio, intuição que lhe é dada pelo pleno acôrdo do seu pensamento, ainda moroso e gaguejante com a realidade que elle sente quasi sempre fugidia e quasi sempre inimiga. Se o método, á primeira extensão da definição feita pelo professor a outros domínios, não deu resultado não é ainda isso motivo para abandonar o método. Outros exemplos devem servir propostos para que o aluno, como caçador confiante, atinja plenamente a pretendida evidência. Creio ser este o melhor método para levar o aluno á reflexão e á expressão correcta quer escrita quer oral.

~~Quando~~ mesmo que o aluno se iniciava nestes difíceis domínios ainda não antevistos, talvez, nos seus dois anos anteriores de cursó liceal, servia-me da selecta para lhes mostrar como os autores lidos quer poetas quer prosadores tinham bem atingido aquillo que eu pretendia dos alunos. Alem da leitura na aula e da consequente interpretação de sentido fazia algumas anotações de ordem estética e moral acessiveis á intelligência, que eu sentia ávida, destes trinta e tantos rapazes.

Quere-me parecer que o método aqui exposto sucintamente e que por isso não pode sugerir a espontaneidade criadora de ideas que certamente despertou nestes jóvens ouvintes foi o melhor para a realização daquillo que as bem pensadas palavras, publicadas no decreto nº 24.526, como observações ao estudo

6

do português no segundo ciclo, pretendem exprimir: "a distinção fundamental entre o que mais importa e vale e o que é secundário".

Uma coisa há, porem, que eu devo declarar neste relatório: não me foi possível, em virtude do método adoptado, fazer rigorosamente exercícios quinzenais. Aliás não me parece ter sido mau, atendendo a que os alunos traziam já das classe anteriores uma preparação neste sentido quasi exclusiva.

Só repetindo parte do que foi dito a propósito do ensino na terceira classe poderia exprimir com maior precisão o método adoptado no ensino da geografia ás sextas classes.

O aluno que inicia os cursos complementares (e quantas vezes, infelizmente, aquele que os termina) é tam falho de personalidade como a maior parte dos alunos do curso geral. Há, porem, entre um e outro uma pequena diferença que é grandíssima nas suas consequencias: o aluno do curso geral tem uma insuficiência de idade fácilmente explicativa da impossibilidade de domínio de certas matérias de estudo, ao passo que o outro é entre nós falho de personalidade por motivos ainda não suficientemente aclarados.

Não é este, porem, o problema que nos importa neste relatório. Trata-se dos métodos empregados e a justificação do seu emprego já foi anteriormente feita.

Mais do que a retenção mnésica de noções, interessou-me levar o aluno ao uso arriscado da sua razão por sua própria conta e risco. Exposta parte do programa, com todo o rigor possível, durante algumas aulas, passava-se não a reexpor o já exposto mas sim a utilisá-lo em relações ainda não feitas ou só vagamente feitas nas lições anteriores. Assim o aluno seria levado não só á fixação de noções úteis mas, o que importa mais, á compreensão e relação de factos que só por conveniência de estudo apparecem independentes. Foi esta a melhor forma de cumprir o programa na parte em que diz dever ser o estudo da geografia, nos cursos complementares, interpretativo - elevando o aluno ás noções gerais para conhecer as causas dos fenómenos e as leis que os regem.

As noções de cosmografia foram dadas como o programa exige, isto é, sem aparato demonstrativo exagerado e com o fim de radicar conhecimentos de que todo o homem instruído deve ser portador.

Ageografia geral preencheu o resto do tempo com o estudo dos agentes externos e internos modificadores da crusta terrestre, tendo sido tripartido cada um destes capítulos: o primeiro em litosfera, hidrosfera, e atmosfera; o segundo em tectónica, sísmica e vulcanismo.

7ª CLASSE

No limiar dos estudos universitários deve dar-se ao aluno a visão de quanto a cultura é vasta e não sistemática. Foi-me possível isso nesta classe pela diversidade de matérias contida no programa. Acclimatologia, a biogeografia e a antropogeografia são domínios novos para o aluno. Raras vezes o liceanista encontrou o homem como matéria de estudo. Tudo o fizera voltar para fora de si e para a natureza quasi sempre morta. Agora o estudo da realidade homem, na sua evolução animal e social, era elemento de interêsse para aclarar uma multidão de ideias, que durante todo o curso tinha sido necessário fixar. A Biogeografia permitira o estudo da vida, generalizando os conhecimentos particulares já aprendidos nas ciências naturais. A Antropogeografia permitira a fixação de ideias gerais sobre os antepassados do homem actual e o esboço das teses criacionista e transformista e a síntese das duas como talvez mais próxima da realidade. A geografia económica permitiu esboçar a questão social em todos os seus aspectos e a desvalorização dos sistemas políticos que fundamentam no facto económico toda a acção social como o marxismo. Em contraposição, atendendo a que estes alunos seriam em breve homens desejosos de tomar posição, convinha esclarecer que as características que distinguem os homens entre si são as forças espirituais como expressão dos domínios mais profundos da vida: a ciência, a moral e a religião. Isto serviu-nos para marcar o valor da ciência no mundo actual, para estudar a evolução da moral atravez os tempos segundo a moderna sociologia e para caracterizarmos o valor de espiritualidade dos diferentes povos em

função da respectiva religião. Com algumas noções de política internacional em cumprimento duma das rubricas do programa terminamos assim o capítulo de geografia geral. Passou-se ao estudo da geografia de Portugal e Colónias.

Enquanto que a geografia geral tinha por missão aumentar os conhecimentos dos alunos, este capítulo exigia preliminarmente dos alunos a intuição do valor das colónias portuguesas e a convicção profunda que "Portugal não é uma nação pequena". Os factores de colonisação postos em prática pelos portugueses foram evidenciados e confrontados com os métodos usados por outras nações. Mais do que o catálogo sêco das produções e riquezas naturais, interessou-nos revelar o valor humano dos indígenas, os seus caracteres raciais e as suas possibilidades de civilização. A recente exposição colonial do Porto permitiu actualizar e reviver noções que, sem ela, ficariam abstractas e inúteis.

Procuramos assim contribuir para a formação da consciência nacional em relação aos seus domínios.

OS RESULTADOS OBTIDOS

Sendo este o primeiro ano de trabalho como professor agregado, é talvez cedo para falar dos resultados obtidos. Contudo, se me é lícito tomar conta dos resultados que de mim dependez~~am~~ram posso dizer, sem excesso, que o aproveitamento foi o melhor possível.

Na primeira classe o ensino atraente trouxe uma percentagem elevada de notas positivas.

Na terceira classe, mais do que as nossas próprias palavras pode o exercício junto do aluno nº 15 exprimir o resultado imediato conseguido com algumas lições.

Omesmo se pode dizer dos cursos complementares embora nada de preciso e concreto se possa afirmar por ainda se encontrarem os alunos, na sua maior parte, a fazer exame de admissão á Universidade.

Como resultado imediato posso ainda apontar uma conferência feita por um dos alunos, no Liceu e durante a comemoração da Semana das Colónias.